

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVIDIO DE NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANTONIA LOHAYNE RODRIGUES FERREIRA

**CASAMENTO POR FUGA:
Estratégias de fuga das mulheres no Povoado de São Nicolau do Piauí,
1972 – 1992**

PICOS – PI

2017

Antonia Lohayne Rodrigues Ferreira

**CASAMENTO POR FUGA:
Estratégias de fuga das mulheres no Povoado de São Nicolau do Piauí,
1972 – 1992**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, com requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Orientada pela Prof. Ma. Ana Paula Cantelli.

PICOS – PI

2017

FICHA CATALOGRÁFICA**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí****Biblioteca José Albano de Macêdo****F383c** Ferreira, Antônia Lohayne Rodrigues

Casamento por fuga: estratégia de fuga das mulheres no povoado de São Nicolau do Piauí / Antonia Lohayne Rodrigues Ferreira. – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¼ pol. (49 f.)

(Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Orientador: Prof. Me. Ana Paula Cantelli

1.Casamento. 2.Mulher-Fulga. 3.Sertão-Cordel. I. Título.

CDD 981.22

ANTONIA LOHAYNE RODRIGUES FERREIRA

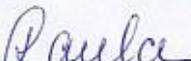
**CASAMENTO POR FUGA:
Estratégias de fuga das mulheres no Povoado de São Nicolau do Piauí,
1972 – 1992**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

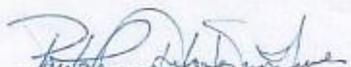
Orientadora: Prof. Ma. Ana Paula Cantelli de Castro.

Aprovada em: 13 / 04 / 2017

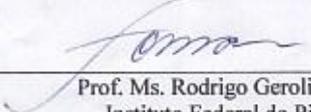
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Ana Paula Cantelli de Castro – Orientadora
Universidade Federal do Piauí – UFPI



Prof. Me. Paulo Fernando Mafra de Sousa Junior
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinador Interno



Prof. Ms. Rodrigo Gerolineto Fonseca
Instituto Federal do Piauí – IFPI
Examinador Externo

PICOS-PI

2017

Dedico essa monografia as minhas duas mães.

AGRADECIMENTO

Quero primeiro consagrar e entregar esse trabalho de monografia nas mãos de Nossa Senhora, dona da minha vida e de todas as minhas obras. Agradecer por esta sempre comigo, aguentando todos os meus clamores e momentos de crises que tive no meu quarto por não conseguir mais escrever absolutamente nada. Por todas as noites que me colocou no seu colo me acalmando pondo para dormir. Obrigada minha Mãe, Rainha do Céu.

Sou grata a Deus meu fim último, Senhor da minha vida, a ele toda honra e toda glória. Obrigada por está presente todos os dias comigo, me livrando de todo o mal e me conduzindo de volta para casa. És meu amigo, tenho saudades dê ti. Obrigada por também me aguentar reclamar das dores físicas e espirituais, por me consolar todas as noites que chorava com saudades de casa, dos meus amigos e familiares, obrigada por nunca ter me abandonado nos momentos mais críticos para mim, obrigada por está sempre comigo. Tu sabes que não foi fácil durante esses anos aqui em Picos. Derrame muitas lágrimas, foi duro, sofrido sim, mas também muito prazeroso.

Obrigada pelos amigos conquistados e que ainda permanece comigo, pelos que se foram deixando saudades das conversas. Quero deixar registrado o meu carinho pelo meu amigo Everaldo que nos deixou para junto do Pai, eu sei que ele está bem ao lado de Nossa Senhora e de Jesus. Queria muito você aqui. Obrigada por fazer parte da minha vida.

Sou grata, claro a minha Mãe, Fransquinha, minha heroína, meu exemplo de mulher. Obrigada mãe por ter me dando a oportunidade de estar aqui cursando uma universidade. Sei que foi um sacrifício esses quatro anos, não foi fácil para a senhora. Só tenho que AGRADECER, não consigo encontrar outras palavras que possam expressar toda a minha gratidão que sinto pela senhora. Se hoje estou formada é pelo teu esforço para me sustentar em outra cidade e Deus por ter te dando saúde e me dando coragem para continuar aqui.

Nesses agradecimentos quero lembrar de todo o apoio de uma pessoa muito especial para mim, alguém que me acolheu desde o momento que cheguei a Picos, obrigada Juscimar Barão.

Evidente que não poderia esquecer de todos os meus amigos da Universidade Federal, a minha turma maravilhosa 2013.1, a melhor turma que aquela UFPI já teve. Claro que desentendimentos acontecem, somos humanos, com opiniões diferentes, mas sabemos conviver com a diferença. Vivemos momentos incríveis, situações que nos uniram, foi lindo fazer parte dessa história. E o meu registro ao melhor grupo de trabalho, dos seminários e da vida, 300 de Esparta. O meu reconhecimento a Maria Jéssica, Rosilene Vieira, Jardel Oliveira, Paulo Henrique, alunos inteligentes que terão um futuro brilhante, desejo que vocês sejam muito felizes, encontrem um emprego e transforme a realidade com o seu jeito de ensinar. Obrigada por tudo 300 de Esparta.

Meu enorme obrigado ao meu Padrinho Dennis, ao meu irmão Alysson, a minha colega Valmira Brito, pelo apoio, as meninas da varoagem, obrigada pelas orações, aos meus primos Jordeane, Boló, Karina, valeu. Obrigada ao João Neres pela ajuda. As mulheres que cederam suas histórias: Iraeth, Eudinéia, Lili e Lenir, muito obrigada. Quero agradecer a minha professora orientadora, Ana Paula Cantelli pela ajuda e também a PRAEC pelos dois anos de ajuda financeira.

EPÍGRAFE

Se alevante sinhô velho
Se inda hoje não dormiu
Vamos procurar Maria
Com certeza já fugiu
O velho saiu de dentro
Já com a peia na mão
- venha cá senhora velha
Venha pegar seu quinhão
(Romero,1945)

RESUMO

Com esse trabalho intitulado “Casamento por fuga: Ritual de fuga das mulheres no povoado de São Nicolau do Piauí, 1972-1992”, pretende refletir sobre a prática de fuga recorrente entre os casais do sertão nordestino do Piauí, especificamente do povoado São Nicolau que fica no município de São Miguel do Tapuio. Trabalho com fontes orais, quatro mulheres, sujeitas da sua própria história, são mulheres que fugiram de casa para casar e com um sonho de construir seu núcleo familiar. Dialogarei com alguns autores como Guacira Lopes Louro, “O corpo educado, pedagogias da sexualidade”, Maria Izilda S. de Matos, “O corpo feminino em debate”, que discutem sobre o corpo normatizado e a valorização da mulher enquanto mãe. Analisarei a fuga como um dispositivo de resistência a ordem patriarcal, a partir do diálogo com Tanya Brandão e Rosemere Santana, tomamos como base suas teses de dissertação para enriquecer nossa discussão a cerca do tema. Discutiremos também como os Cordelistas abordam em suas literaturas a fuga e a mulher.

Palavras-chave: Fuga, Mulher, Sertão, Cordel, Povoado de São Miguel do Tapuio.

ABSTRACT

With this work entitled "Marriage by escape: Ritual of escape of the women in the town of São Nicolau do Piauí, 1972-1992", intends to reflect on the practice of recurrent escape among the couples from the northeastern backlands of Piauí, Nicolau that is in the municipality of São Miguel do Tapuio. I will work with oral sources, four women, subject to their own history, are women who have run away from home to marry and dream of building their family nucleus. I will talk with some authors like Guacira Lopes Louro, "The educated body, pedagogies of sexuality", Maria Izilda S. de Matos, "The female body in debate", that discuss about the body normalized and the valorization of the woman as a mother. I will analyze the escape as a device of resistance to the patriarchal order, starting with the dialogue with Tanya Brandão and Rosemere Santana, we base their thesis dissertation to enrich our discussion about the theme. We will also discuss how the Cordelistas approach in their literature the escape and the woman.

Keywords: Escape, Woman, Sertão, Cordel.

Listra Ilustração

- IMAGEM 1. Mapa da localização do município de São Miguel do Tapuio.....12
- IMAGEM 2. Mapa da localização do município de São Miguel do Tapuio e São Nicolau.....14
- IMAGEM 3. Mapa da localização do município de São Nicolau a Interior Boqueirão.....38
- IMAGEM 4. Mapa da localização do município de São Nicolau a cidade de Pimenteiras.....39
- IMAGEM 5. Mapa da localização do município de São Nicolau a cidade de Valença do Piauí.....42

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
CAPÍTULO I : MULHER, ONDE É O SEU LUGAR?.....	18
1.1.O corpo educado.....	20
1.2.Mulheres do sertão.....	22
CAPÍTULO II: SÓ CASARIA SE FOSSE ROUBADA.....	25
2.1“Fugimos a primeira vez meu pai foi me buscar”	25
2.2“Só casaria se um homem me carregasse.....	31
2.3“Quase me pega, mas não deu pra me pegar não”	37
2.4“Em fevereiro eu sai fugida”.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*A moça dar uma volta
Que parece parafuso
Você pesa para papai
Se ele não quiser eu fujo
O moça você me diga
Onde vou-lhe esperar
-Lá na porteira da esquina
No pé de maracujá [...]¹*

Este trabalho investiga a prática da fuga por meio de relatos de mulheres que fugiram para se casar. O ritual de fuga, é como muitas mulheres utilizavam e ainda hoje utilizam desse costume para casar. Deixando tudo, família, amigos e até sua cidade natal. Essa mulher foge não somente do meio que está inserida, mas ela rompe com uma sociedade patriarcal, pois as mesmas ao fugirem são mal vista pela sociedade, torna-se sinal de mulher desonrada.

Para entender como essas mulheres rompem com uma sociedade patriarcal, precisamos levar em consideração que as mulheres da década de 1970, elas eram moldadas para serem mães perfeitas, esposas exemplares. No momento que elas fogem são vistas como mulheres mal criadas, sinal de que a mãe não cuidou muito bem da filha, ou seja, a responsabilidade sempre é da mulher. A desonra não era para aquela mulher que fugiu, mas sim, para a figura paterna, a partir da prática a moça estava causando vergonha ao pai e a toda família. Em muitos casos de fuga o pai ficava anos sem falar com a filha, sem ao menos olhar para a moça, em outros casos morria e não perdoava a mesma, pelo seu ato de traição.

Tendo como base a fonte oral, iremos analisar a história de quatro mulheres que acreditamos que são sujeitas da sua história. Essas mulheres fugiram de casa ainda jovem entre seus 17 e 20 anos de idade. São mulheres singulares, nasceram em épocas diferentes, por isso tive certa dificuldade em encontrar um período que abarque todas elas. Para estabelecer um recorte temporal levaremos em conta o ano da fuga de cada uma, optei por esse método para ter um recorte temporal mínimo.

Por isso o meu recorte cronológico ficou estabelecido entre 1972 a 1992, são 20 anos. Porém a primeira fuga aconteceu em 1945 com Lili Ribeiro, em 1972 a Lenir Ribeiro fugiu, a última fuga aconteceu em 1992 com Iraeth Rodrigues. Priorizei a década de 1970, especificadamente 1972, pois as maiorias das minhas fontes abordam

¹ Poema de Silvío Romero, 1945.

Essas mulheres tem papel significativo na construção dos núcleos familiares. Essa atitude das mulheres de fugir para casar é considerada um desrespeito à autoridade do pai, já que se vivia em uma sociedade patriarcal.

Isso porque, até bem pouco tempo, perdurou o costume mesmo entre pessoas de nível social elevado, do “casamento por fuga”. O interessante é que, em geral, esses casamentos foram e são interpretados como um desrespeito à autoridade paterna, nunca como um atentado à decência.⁶

A sociedade via o casamento por fuga não como um atentado à decência, precisamos entender que as mulheres sempre tiveram que obedecer e ter um comportamento adequado perante a sociedade. Ser decente estava atrelado, por exemplo, a guarda-se para seu futuro marido, ou seja, não ter relação sexual fora do casamento, nem por fim libidinoso isso era uma ofensa aos padrões morais da sociedade.

A mulher deveria continuar dentro dos padrões sociais, assim ela era considerada uma mulher honesta. Podemos afirmar que o casamento por fuga não seria um atentado a decência, pelo fato que as mulheres fugiam para casar e não para viver uma vida leviana, ou uma vida de solteira.

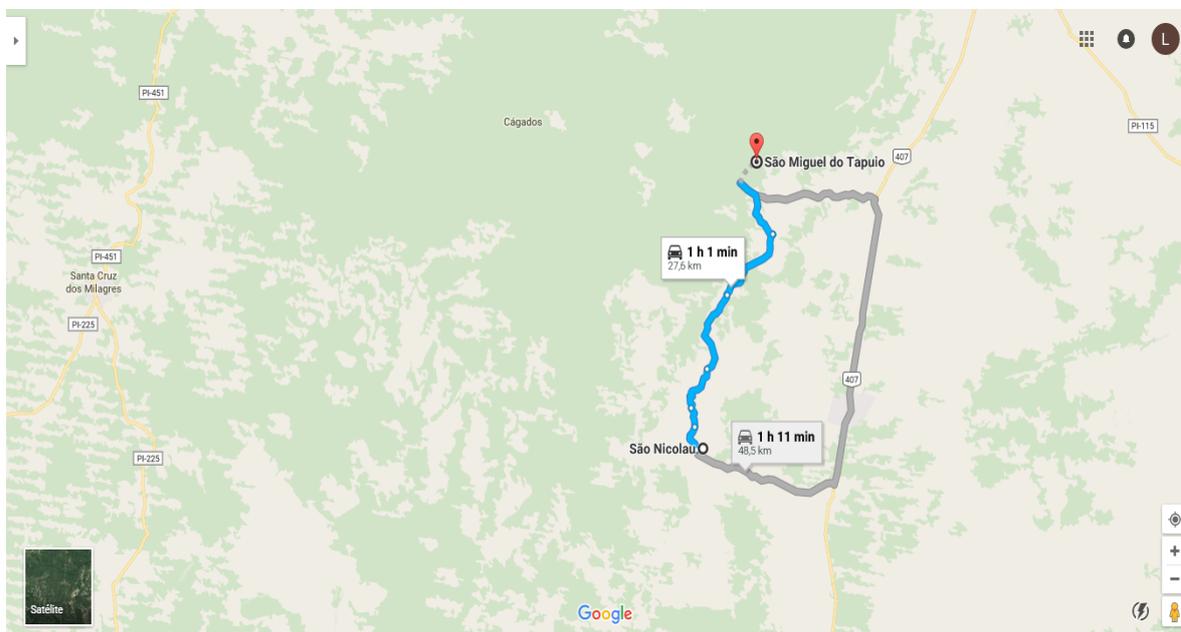
A motivação para pesquisar sobre esse tema veio primeiro pela necessidade de produzir um trabalho científico para a conclusão do curso, por consequência sempre tive a curiosidade de entender os motivos que levavam a mulher fugir de casa, visto que essas mulheres fugiam com seus namorados, noivos. Então isso tudo nos leva a questionar: fugia simplesmente pela necessidade de um companheiro ou um desejo de construir uma família? Ou sofria maus tratos familiares? Talvez para melhorar de vida economicamente? São questões que nos inquietam, nos leva a indagar a memória dessas mulheres. A partir de singularidade histórica compreender um pouco melhor a história da(s) mulher(s).

A escolha desse tema veio também por conhecer algumas dessas mulheres que estou trabalhando aqui, e por ouvir sempre quando vou aos interiores citados aqui, principalmente ao Pau Ferro onde tenho familiares, que nessa região havia muitas fugas, sempre tinha alguma mulher fugindo com seu namorado. Esse tipo de história, sempre escutei por aquelas bandas: “fugia muita mulher por aqui, hoje não há mais tantas fugas,

⁶ BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *Rapto de Mulheres: Estratégia na formação de núcleos familiares, capitania no Piauí século XVIII*. *Clio – Revista de Pesquisa Histórica*. n. 29.2, 2011. pag. 01.

como antigamente”, assim relata alguns moradores da região.

IMAGEM 2. Mapa da localização do município de São Miguel do Tapuio e São Nicolau



Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 26 Fev 2017.

Dona Valmira Ribeiro, conhecida como Lili, chegou até a mim pela coincidência do destino (se isso existe, o que importa é que chegou e contou sua história). Algumas como Iraeth Rodrigues e Lenir Ribeiro relutaram na primeira entrevista, em contar essa parte da sua história de vida, porém aos poucos foram abrindo e detalhando como foi à fuga, o que levaram a tomar essa atitude e qual o comportamento dos seus Pais. Tudo isso nos ajudou a contextualizar e formar esse trabalho.

O objetivo aqui é apresentar alguns casos de fuga, mostrar que são mulheres querendo mudar de vida, começar algo novo longe das vistas do seu pai, em alguns casos existia pais brutos, uma vez que são homens do sertão nordestino, não queriam que suas filhas saíssem de casa. Entender também quais os caminhos que antecediam a fuga, as táticas utilizadas por essas mulheres.

É importante salientar que usarei o termo fuga quando for me dirigir as estratégias de rapto no contexto do casamento. Afirmando a vontade própria das mulheres, que em sua grande maioria articulava sua própria fuga. Analisamos os discursos de cada mulher que são utilizadas para justificar sua fuga.

Para a realização desse trabalho utilizaremos o texto “Rapto consentidos: afetos

proibidos e relações de poder na Paraíba (1880-1910)” de Rosemere Olimpio Santana. Ela aborda o conceito de rapto e suas apropriações no decorrer do tempo, nos traz casos de fugas que deram certos e outros não tão certos assim. Trago para discussão o texto de Tanya Brandão “Rapto de Mulheres: Estratégia na formação de núcleos familiares, capitania no Piauí século XVIII”. As duas autoras nos ajuda na compreensão do conceito de fuga e a importância dessa prática para a formação dos núcleos familiares no sertão Nordestino.

Ressaltar a importância desse trabalho para entendemos a nossa cultura popular. Deixando viva a história de mulher(es) que “desrespeitaram” seu pai. Não pretendo vitimizar as mulheres como um ser frágil que fugia pela dominação ou motivação do sexo masculino, pelo contrário, tenho a intenção de mostrar que essas mulheres nem sempre foram persuadidas pelos homens, e sim, que eram elas mesmas que tramavam sua fuga, isto é, donas de sua vontade.

Apresentaremos cada caso dialogando com autoras que aborda sobre o ritual do rapto, como Tanya Brandão e Rosemere Santana, tomamos como base suas teses de dissertação para enriquecer nossa discussão a cerca do tema. Trabalharemos com historiadores que discuti a importância da História Oral para compreensão da sociedade e da cultura.

Como historiadores, sabemos da importância da fonte oral para ampliar o conhecimento de experiência e modos de vida de diferentes grupos sociais. Permitindo registrar depoimentos e aumentar as possibilidades de interpretação do passado, dando voz às minorias. Hoje temos diversas fontes historiográficas significativas de modo que podemos compreender o homem a parte dos seus relatos orais, de musicas, diários, jornais e vários outros meios para analisar.

A história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido as formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. Nesse sentido, ela está afinada com as novas tendências de pesquisa nas ciências humanas, que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado.⁷

Assim podemos através dos relatos traçar os caminhos e os motivos que levaram a fuga das mulheres. Compreender a fuga com resistência à autoridade patriarcal, como

⁷ PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. PINSKY, Carla Bassanezi (org). – 2.ed, 1a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008. pag. 164.

também não deixando de interpretar como uma prática amorosa, ou seja, existem dois âmbitos na fuga que se pode analisar, a primeira como resistência a ordem paterna, a outra seria simplesmente pela paixão. Pois esse costume era caracterizado pelo consentimento de ambas as partes, sempre sob promessa de casamento futuro.

Entendendo o patriarcalismo como um modo onde algumas questões são regidas ou chefiadas pela figura masculina do Pai, se observa que esse conceito não abarcava em toda a sociedade, mas também não estava distante das classes mais pobres.

Nesse caso resolveu-se dividir essa pesquisa em dois capítulos, onde primeiro se intitula-se: **“MULHER, ONDE É SEU LUGAR?”** buscar através dos relatos orais das mulheres entrevistadas (Iraeth Rodrigues Pereira, Eudinéia Rodrigues Pereira, Lenir Ribeiro de Sousa e Valmira Ribeiro de Sousa), discutir a fuga como um meio para o matrimônio. Tendo em vista como essas mulheres romantizava o casamento. Abordaremos o papel da mulher como mãe, esposa e dona-de-casa. Dialogaremos com alguns autores como Guacira Lopes Louro, “O corpo educado, pedagogias da sexualidade”, Elizangela Cardoso, “Identidade de gênero, amor e casamento em Teresina 1920-1960”, Maria Izilda S. de Matos, “O corpo feminino em debate”, que discutem sobre o corpo normatizado e a valorização da mulher enquanto mãe.

É subdividido em tópicos **1.1. “O corpo educado”** abordará como os meios de poder normatizam o corpo da mulher. No tópico **1.2. “mulheres do Sertão”** aqui se faz uma breve análise da vida da mulher do sertão, as características da mulher pobre. Usando como principal fonte a autora Miridan Knox Falci com o texto “mulheres do sertão nordestino”.

No capítulo II com o título: **“SÓ CASARIA SE FOSSE ROUBADA”** A proposta é dialogar junto com os cordelista, indagar como os poetas de cordéis dão relevância e espaço para esse costume nos seus folhetos. Questionando-nos sobre o espaço reservado para as mulheres nos cordéis. Nesse capítulo, usaremos de nossas fontes para assim compreender as táticas usadas para fugir, relatando todo o processo, para onde fugiam, o comportamento da família diante desta situação.

No item **2.1. “Fugimos a primeira vez meu pai foi me buscar”**, nessa parte do trabalho, conta-se a história de Lenir Ribeiro, mulher pobre que fugiu com seu primo para casar, seu pai não aceitava tão envolvimento. Já o **2.2. “Só casaria se um homem me carregasse”** é o caso de Eudinéia Rodrigues Pereira, planejou toda a fuga e afirma que só cassaria se um homem fugisse com ela. O **2.3. “Quase me pega, mas não deu pra me pegar não”** é o caso de Valmira Ribeiro de Sousa. **2.4. “Em fevereiro eu sair**

fugida” é o caso de Iraeth Rodrigues Pereira.

CAPITULO I: MULHER ONDE É O SEU LUGAR?

Assim, se algumas mulheres estiveram preocupadas com a alma universal, com a liberdade, com o amor, outras estiveram preocupadas com Deus, e outras ainda, com a submissão da mulher e a necessidade de sua independência.⁸

No presente capítulo iremos trabalhar com as falas de quatro mulheres que decidiram fugir de casa, largando tudo para casar com o homem que amava. Buscaremos através da história oral compreender o ritual de fuga, aqui analisada como resistência a uma ordem patriarcal, como também uma prática amorosa. Entender como essas mulheres são donas da sua própria história. Mulheres que enfrentaram seus pais e toda a família, para viver uma nova vida. Aqui abordaremos histórias de mulheres do sertão piauiense, como, Iraeth Rodrigues Pereira, Eudinéia Rodrigues Pereira, Lenir Ribeiro de Sousa, Valmira Ribeiro de Sousa, que foram fortes em deixar seu passado para escrever uma nova História, onde ela pudesse ser escritora, narradora e personagem principal. Buscaremos o papel da mulher na sociedade, a partir dos relatos das mulheres que foram entrevistadas. Abordaremos sobre, amor, casamento, como isso estava atrelado a uma suposta felicidade, que só viria com um matrimônio.

São mulheres interioranas, que tinham consigo o mesmo desejo, de se soltar das amarras dos pais ou meramente casar com aquele que mais amava, o amor surgiu como sinônimo de felicidade, unido duas pessoas que se amava. “Ainda que o cotidiano do amor transformasse o casamento, dentre as formas de significar o matrimônio, figurava o casamento como promessa de felicidade e de realização do amor”.⁹

Para algumas mulheres a felicidade estava atrelada ao casamento. Essas levavam consigo o desejo de uma vida nova, ao lado do homem que escolheu, não mais do lado do homem que o pai decidiu, mas sim, com alguém que amava. E se preciso fosse,

⁸ FALCI, Miridan Knox. Mulheres o sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del (org); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. de texto). História das mulheres no Brasil. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011. pag. 254.

⁹ CARDOSO, Elizangela Barbosa. Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960). Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense.pag.297

fugiria para viver o amor, que estava no casamento com aquele homem, que na maioria das vezes o pai da moça não apoiava.

Ao analisamos percebemos que o amor romântico de certa forma contribuiu para o ideal de esposa, mãe e dona-de-casa. Pois situam as mulheres no lar. Ao estudar o amor romântico em Teresina, durante o século XX, especificadamente a década de 1920 a 1960, a autora afirma que:

O amor romântico encaminhou as mulheres para o lar e colaborou para sujeição doméstica. Entrelaçado ao casamento, ele contribuiu para o triunfo da mulher mãe, esposa e dona-de-casa. Uma vez elevado à condição de valor, o amor romântico oportunizou que filhas compartilhassem a escola conjugal com pais e mesmo impusessem seus desejos, em detrimento da família. Nesse sentido, é possível afirmar que amor romântico contribuiu para redefinir as relações de poder entre as filhas e os pais, bem como para a aquisição do direito de casar por amor.¹⁰

A partir dos relatos das entrevistadas, o amor que elas sentiam (ou ainda sentem) foi decisivo, foi a gota de coragem para lagar a condição que estava, para assim formar uma nova vida com aquele moço que escolheu. Foi o amor um dos motivos que impulsionou a fuga e por consequência o casamento das mulheres que abordo aqui nesse trabalho.

As mulheres tinham um ideal que a realização pessoal e afetiva seria vivida no casamento, o matrimônio e o lar era representação do ideal feminino. Casar, ter filhos e uma casa, era o sonho de muitas mulheres. Mesmo vivendo no século XXI, muitos ainda acreditam que a ordem só estaria estabelecida, se as mulheres tornasse o lugar de mães, esposas e donas-de-casa.

Porém, muitas mulheres acreditavam que esse era seu lugar, não por que elas eram obrigadas, mas sim, pelo motivo de que elas não conheciam outro lugar que esteve aberto, e por não ter muitas opções, também por serem mulheres do interior, lugar com pouca oportunidade. Na década de 1970, essas mulheres não tinham ou não podia estudar, na verdade elas não tinham muita escolha, para as mulheres pobres só lhe restava a casa, as labutas diárias de uma vida seca, debaixo do sol quente. Mas claro, que existem aquelas que subvertem a ordem. Aqui não relato somente historia de fuga ou rapto, narro História de Mulheres que estão inseridas em um sertão.

¹⁰ CARDOSO, Elizangela Barbosa. Identidade de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960). Tese (doutorado) Universidade Federal Fluminense. pag. 300.

É importante salientar que na prática do rapto ou da fuga, quem estava envolvido na maioria dos casos eram o namorado ou noivo. Nos casos que iremos citar mais adiante, ficam evidentes que todas as mulheres entrevistadas tinham um relacionamento firme com o rapaz, alguns não apoiados pelos pais da moça. Em outros casos insolados existiam fugas onde a moça tinha pouco envolvimento com o raptador, ou seja, um relacionamento recente.

Ainda levamos em contar a relevância que maioria permanece residindo na nessa localidade e todas ainda estarem casada com o mesmo homem que fugiu. São mulheres pobres do sertão. Moram no município de São Miguel do Tapuio no Estado do Piauí, especificamente no interior chamado Xique Xique e Pau Ferro. A dona Iraeth Rodrigues mora na cidade de Valença para onde fugiu e casou com seu esposo, residindo até nos dias de hoje.

1.1 O Corpo Educado

Na sociedade da década de 1970, e até mesmo no século XXI, algumas mulheres eram educadas para ser mãe de família. Muitos intelectuais do século XX.¹¹ Alimentava essa ideia, reforçando que elas deveriam aprender somente aquilo que fosse fundamental para alcançar esse objetivo (ser mãe, esposa e dona-de-casa).

Por muito tempo ficou enraizado na nossa cultura, que a natureza preparou a mulher para o lar, como se fosse vontade de Deus, já predestinado essa função de mãe. Cardoso afirma que:

A valorização da mulher enquanto mãe, esposa e dona-de-casa podem ser compreendidas com defesa da manutenção do exercício de poder através dessas funções. E também tentativa de manter uma ordem, na qual, em termos normativos, o homem deveria ser o responsável pela proteção da mulher.¹²

Era reproduzido que como o homem é o chefe da família a mulher deveria obedecer e está sempre sendo cuidada, pois além de ser boa mãe, ainda deveria ser uma boa dona de casa, administrar os recursos familiares, era papel de uma boa esposa. Principalmente cuidar do casamento, pois era responsabilidade da mulher manter o casamento em perfeita harmonia. Ou seja, elas deveriam cuidar de sua saúde, pois

¹¹ CARDOSO, Elizangela Barbosa. Identidade de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960). Tese (doutorado) Universidade Federal Fluminense.pag.30

¹² Idem. 35.

mulher doente, descuidada e envelhecida não agradava o marido, portanto seria sua culpa se o marido procurasse outra mulher.

Elas deveriam lembrar também que uma boa saúde era a base para a beleza e a juventude, imprescindível à mulher moderna. Imprescindível às esposas que queriam manter a paz no lar e evitar que seus maridos se interessassem por outras mulheres, uma vez que uma mulher doente, descuidada e envelhecida não agradaria ao marido¹³.

A própria educação escolar era restrita a mulher, elas só deveria aprender o necessário para exercer seu papel de mãe.

Vê-se, portanto, **que o ensino voltado para o público feminino cumpria claramente o objetivo de propiciar às mulheres os conhecimentos necessários para que se capacitassem ao exercício do papel edificante no lar, atuando com boa mãe, esposa dedicada e exímia dona de casa.** Somente, assim, a mulher estaria apta para cumprir a tarefa de educar os filhos, atentando-se para torna-los futuros cidadãos, sensíveis à pátria[...].¹⁴ (Grifo meu).

Uma característica interessante de se abordar sobre a educação dessas mulheres pobres que vivem no interior (Pau Ferro, Xique Xique), é que na maioria das localidades não existia um sistema educacional que elas pudessem frequentar, na maioria das vezes, a escola mais próxima fica a quilômetro de distância. Em uma sociedade que se fazia moderno e ao mesmo tempo se mantinha tradicional, as mulheres buscavam seu lugar por direito. Nesse período surgiu um movimento que buscar uma igualdade de gênero, busca legitimar os direitos das mulheres. Frequentar uma escola é direito de todo(a)s.

Portanto, esse movimento feminista tem papel significado no que se pode dizer, em ajudar as mulheres a ganhar espaço, a ter direito sobre seu próprio corpo. Uma vez que havia uma educação dos corpos, tanto para a mulher como para o homem, claro que de formas diferente. “As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas. Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas.”¹⁵

¹³ CARDOSO, Elizangela Barbosa. Identidade de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960). Tese (doutorado) Universidade Federal Fluminense. pag. 113.

¹⁴ FRANQUI, Renata; PERIOTTO, Marcília Rosa. O modelo feminino na revista fon-fon! (1907-1958): A pedagogia da maternidade no Estado Novo, 2015. Disponível em <<http://www.periodicos.udesc.br>>. Acesso em: 03 de Fev de 2016.pag.03

¹⁵ LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2000.pag.04

O corpo que é normatizado que ganha sentido socialmente é moldado pelo poder de uma sociedade machista. Sempre visto como um objeto sexual para muitos homens. No início do século XX, a mulher era visto como uma figura submissa ao homem, isso por que é fruto do sistema patriarcal. Silenciavam seu corpo, pois deveria permanecer oculto, guardado para ser visto depois do casamento, na noite de núpcia, apenas pelo marido. Ainda hoje, o corpo feminino é silenciado e dissecado. No entanto é usado de várias formas, como resistência, e ao mesmo tempo na publicidade, como marca.

1.2 Mulheres do Sertão

A mulher do sertão nordestino, são nitidamente mulheres fortes, trabalhadoras que sempre sustentou sua família, são donas de casa, algumas donas das suas vontades, outras que respeitava a autoridade do marido, ou de alguma figura masculina. Existia uma distinção clara entre a mulher abastada e a mulher pobre, além da posição econômica que dividia a sociedade, o modo como se vestia e se comportava ficava evidente sua posição social. Alguns aspectos que se faz interessante citar.

Os traços das mulheres de elite são mais conhecidos. Ao vasculharmos amontoados de retratos de famílias do interior do nordeste, elas estão ali: ora sentado, ora em pé ao lado do marido, rodeadas pelos filhos. Esguias ou gordas, de formas arredondadas [...] Em algumas, os cabelos crespos e lábios grossos, a “tez levemente amorenada” lembram os tipos físicos miscigenados; em outras, “o nariz regular, a fronte elevada”, pescoço fino e cabelos “corridos, mas lustrosos”, lembrando as origens mais europeias.¹⁶

Devemos levar em reflexão que as mulheres pobres do Nordeste, do interior do interior, aquelas esquecidas muitas vezes até pela historiografia brasileira. São mulheres cheias de histórias pra contar, de tradições vividas. Histórias que precisam ser relatada, até mesmo publicada e lembrada, pois elas trazem na pele as marcas de uma vida severina.

As famílias do nordeste desde cedo já aspiravam para sua(s) filha(s) um bom casamento, na maioria das ocasiões os casamentos eram por interesses materiais, nos bens que a outra família podia oferecer, isto é, muitos casamentos serviam de acordos familiares. Acontecia assim uma inter-relação entre as famílias ricas do nordeste, mantendo seu poder territorial.

¹⁶ FALCI, Miridan Knox. Mulheres o sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011. pag. 245.

Nesses casos as jovens não podiam escolher seus maridos acontecendo assim muitos casos de fuga. Em pleno sertão nordestino, um povo ainda regado pela doutrina a Igreja Católica, desaprova tal atitude de fuga, pois era uma desonra a família e não coincidia com os bons costumes da sociedade daquela região.

No sertão do Nordeste a fuga sempre se dava na cala da noite, onde todos, principalmente o pai da moça se encontravam dormindo, os amantes montavam na garupa do cavalo e saiam na mata escura do Sertão.

Muitas vezes o namoro não desejado pelos pais encorajou o rapto da moça pelo pretendente. Mas um rapto consentido pela mulher, com a promessa de casamento futuro [...] Os dois fugiram a noite, a cavalo, ela montada na garupa, de banda, o rosto virado para o lado, a cabeça amarrada com o lenço, com a certeza do futuro casamento.¹⁷

As mulheres pobres desde cedo já aprendiam as prendas, deveria saber cozinhar, passar e ser uma boa esposa. Trazendo consigo a possibilidade de trabalhar fora do lar. Porém, sempre atrelado a uma liberdade limitada, pois pela sua condição de ser mulher, não havia espaço para elas no mercado de trabalho formal. Sabemos que para elas estavam restritas a âmbito privado, doméstico, presa dentro da sua própria casa.

Muitas mulheres do Nordeste idealizavam o casamento, como a única saída, o único meio para a felicidade, ali estava a oportunidade para elas serem donas de si, da sua própria história, da sua própria casa, ter um marido, filhos, uma família. Elas por muitas vezes eram responsável para sustenta a casa. Dia-a-dia trabalhando debaixo do sol escaldante para conseguir a subsistência de toda a família.

As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras – estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher.¹⁸

A mulher do Sertão Nordestino não tinha muito tempo para vaidade, cuidar da pele, das vestimentas, isso claro com as mulheres de classe mais pobre. A figura da mulher pobre do interior era trabalhar na roça com o irmão, e o Pai. Porém sempre

¹⁷ FALCI, Miridan Knox. Mulheres o sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011. pag. 267.

¹⁸ FALCI, Miridan Knox. Mulheres o sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011. pag. 250.

pensando em um casamento, claro que nem todas as mulheres queriam casar e formar uma família. Porém os Pais sabiam da importância de casar sua(s) filha(s) com um bom homem, que seja honesto e trabalhador, isto é, um parceiro à altura da moça.

Trabalhar com as mulheres pobres do Nordeste é enriquecedor e ao mesmo tempo difícil, porque elas são cheias de histórias, de crenças, tradições, e tudo isso vivido em um tempo só delas, onde suas alegrias e tristezas foram intensas, não cabe a nós vitimizar ou trata-las como heroínas. Basta apresentar quem foram essas mulheres, que acordava cedo todos os dias, pilava, fazia o café, cuidava dos animais, ia para a lavoura, voltava pra cuidar dos afazeres da casa. Em alguns casos quando se casava dividia as tarefas com o marido.

Algumas dessas mulheres pobres caminhavam léguas de distância para conseguir um galão com água, ir ao médico fazer uma consulta, uma vez que a maioria da população interiorana não tinha transporte, se por acaso, um doente precisasse ir ao médico em algum posto de saúde mais perto, era preciso arrumava com algum vizinho que tinha um carro, a família do doente, eram que pagava o combustível do automóvel. Quando não acontecia esse deslocamento, a mulher fazia chá de ervas, plantas nativas.

CAPÍTULO II: SÓ CASARIA SE FOSSE ROUBADA

2.1 “Fugimos a primeira vez meu pai foi me buscar”

O primeiro caso é da Lenir Ribeiro de Sousa e João Francisco de Sousa. Para entender essa história, vamos fazer uma pequena abordagem sobre ela. Nasceu em São Nicolau em 31 de dezembro de 1952, filha de Luiz Ribeiro de Sousa e Maria Pereira da Silva. Tem nove irmãos, sete mulheres e três homens. A família trabalhava na roça, plantando e colhendo para subsistência. As mulheres também trabalhavam na lavoura e depois em casa. Como a mesma afirma o trabalho era mais para as mulheres, além de trabalhar duro na roça, deveria cuidada dos afazeres em casa.

*Trabalhava na roça, às vezes o pai levava para trabalhar, também fica em casa (pausa) você sabe que **a luta de primeiro era mais pra mulher**, tudo o que a gente ia fazer dependia de um pilão, essas coisas assim, bota água na cabeça, hoje em dia não tem mais isso né?! Mais era dependioso, tinha que bota água na cabeça, era pisando legume era tudo, até sal tinha que pisar mesmo.¹⁹(Grifo meu).*

As mulheres do sertão não tinham escolha de trabalhar nessa dupla jornada. Percebemos na fala da Dona Lenir Ribeiro, que todas, homens e mulheres iam trabalhar na roça, primeiro porque era o único meio de sobrevivência que a sua família tinha. As mulheres trabalhavam duro, passavam o dia na lavoura, plantando, capinando. No Sertão, nos interiores, como Pau Ferro, Xique Xique e tantos outros, é comum ver mulheres com um lenço amarrado na cabeça carregando uma enxada, uma foice debaixo de um sol escaldante.

A mulher desde muito pequena entende que o dever é dela, de cuidar da casa, dos irmãos, da família, desde cedo descobre o tamanho da sua responsabilidade. As mulheres do sertão enfrentavam uma dupla jornada, além de trabalhar na lavoura depois em casa, o trabalho em casa era mais, pois, como nada era fácil, “*era tudo dependioso*”, a água elas buscavam em locais distantes, o arroz o milho tudo pisado no pilão, por elas.

Sobre o caso da Lenir Ribeiro, o pai (Luiz Ribeiro, já falecido) era considerado um delegado da região. Segundo a população qualquer ocorrência ou problema na região, procurava o seu Luiz Ribeiro para resolver. O mesmo não tinha nenhuma formação na área, no entanto ele era respeitado, temido na localidade, era do tipo de homem que não levava desaforo para casa, resolvia tudo na ponta do facão. Segundo

¹⁹ Entrevista com Lenir Ribeiro em 18/02/2017.

Lenir Ribeiro, seu pai (Luiz Ribeiro) não aceitava que suas filhas tivesse qualquer relacionamento com algum homem, queria que todas ficassem em casa ao lado do mesmo.

*Pelo papai, ele não queria que casasse com ninguém (risos) não queria que nem namorasse. Pra gente ir a uma festa, tinha um Raimundinho ali que ia com nós na festa. **Era hora marcada, tal hora teja em casa se não tiver nunca mais vai outa**, era assim minha fia. Era uma vida meia braba. **Negocio de namoro só se fosse escondido**, ele nem sonhava (risos) nem pensa. Festa era muito difícil ele deixar ir a festa. Ele só achava bom se a gente tivesse junto com ele ali toda hora dentro de casa, não era pra sai um passeio, não ir a uma festa nem nada. **Mais ai... as mais velhas foi fazendo disgosto a ele ai foi abrindo a mão pra as mais novas mais um pouquinho, ai já era tarde (risos).**²⁰ (Grifo meu).*

Por que Luiz Ribeiro – Pai de Lenir Ribeiro – não queria que sua filha casasse? Pra ficar em casa cuidando dele? Ou João Francisco não era o homem certo que ele queria para a filha?

O Luiz Ribeiro, pai de D. Lenir é o símbolo do homem macho do sertão nordestino. A invenção da masculinidade no Nordeste está atrelada a força, violência, criando um estereótipo de “cabra macho”. Essa ideia de homem forte, também está presente nos cordéis de José Francisco Borges, (poeta pernambucano, mais conhecido como J. Borges, poeta e artista na arte da Xilogravura).

*“Deu-se no sertão central,
Fato assim, com um cidadão:
O rapaz roubou a moça, também ficou sem pepino.
Dizem que virou bojudo,
Perdeu a pose o grã-fino”.*²¹ (Grifo meu).

O fragmento acima é retirado do Cordel “Moça Roubada”, percebemos que o pai da moça roubada – isso no Cordel – que o meio usado para recuperar a honra da filha era capar o rapaz, claro que em alguns casos isso não acontecia, mas nas literaturas esse tipo de narrativa é presente. O pai que vai atrás do rapaz que roubou sua filha, e só tem duas escolhas, ou casa com a moça ou fica “sem o pepino”, isto é, é capado. Essa figura de homem macho, bruto, é recorrente no nordeste, era uma forma de mostrar força

²⁰ Entrevista com Lenir Ribeiro em 18/02/2017.

²¹ Cordel, Moça Roubada. J. Borges. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/cordel/?pag=6>>. Acesso em: 27 de Jul de 2016.

perante a sociedade. No caso da senhora Lenir Ribeiro de Sousa, aos 63, atualmente mora no Xique Xique, casou fugida com João Francisco de Sousa, seu primo legítimo. No período da fuga os dois tinham mais ou menos 20 anos de idade.

Seu pai (Luiz Ribeiro) não aceitava tão envolvimento, pois para ele (Luiz Ribeiro), João Francisco não era o homem aquedado para casa-se. Dona Lenir e Seu João fugiram duas vezes, na primeira fuga o pai da dona Leni foi busca-la na cidade de Castelo do Piauí, onde os mesmos se encontravam. *“Fugimos a primeira vez meu pai foi me buscar”*, relata Lenir Ribeiro de Sousa.

O pai de Lenir Ribeiro não chegou ao ponto de capturar o jovem moço João Francisco, entretanto não deixou a filha se encontrar e nem ter nenhum tipo de convívio com o rapaz. Negando assim a chance que a filha tinha de casar com o homem que amava.

Ao entrevista-la fica claro na fala de Dona Lenir sua mágoa em relação ao pai, pois o mesmo coibia de sair para festas e aprisionava não só seus sentimentos pelo seu amor proibido como também a própria moça de sair de casa. Afirma: *“Quem vive nessa privação não gosta, quem vai viver é eu não é você”* diz dona Lenir ao seu pai quando o mesmo foi busca-la em Castelo do Piauí, na primeira vez que foi raptada. A sua vontade de estar com o homem que amava era grande a ponto de questionar o pai, mas, será? Talvez ela não tenha desafiado o pai tão cara a cara assim. Entretanto desafiou por trás, fugindo novamente. Foi então que a partir dessa coação sofrida por ela, decidiram fugir pela segunda vez. *“Só deixei esfriar e fugi de novo. Eu engano ele outra vez (risos).”*

Segundo os relatos de Lenir Ribeiro, a mesma deixaria as coisas esquecida por algum tempo, não tocaria no assunto nem pediria ao Pai a permissão para namorar com João Francisco, desta maneira todos poderia esquecer o seu relacionamento com seu primo e sua fuga alguns dias atrás. Assim na primeira oportunidade fugiria novamente. Lenir Ribeiro afirma. *“Ele (João Francisco, seu esposo) era o único homem que existia pra mim.”* Por esse motivo decidiu fugir novamente.

Ou ela sentia tudo isso, por que não conhecia naquele momento outros rapazes, a ponto de despertar outro sentimento? Nos interiores – especificadamente os citados nesse trabalho – a maioria dos moradores são parentes. Em tempos específicos, como férias, feriados, velórios ou datas comemorativas, chegam outras pessoas, mais parentes, tios, primos, avós, de outras cidades, para ali se unirem. E é nesses momentos onde está toda família reunida, a oportunidade em que muitos primos se apaixonam.

São comuns relacionamento entre primos, principalmente nos interiores. E não foi diferente no caso de Lenir Ribeiro e João Francisco, primos legítimos, talvez não conheciam outras pessoas. Ainda jovens, cada um via no outro a grande oportunidade de viver uma paixão. O amor estava ligado diretamente ao casamento ²², ou seja, essas jovens viam no matrimônio o caminho para a felicidade. Lenir Ribeiro e tantas outras mulheres fugiram por que viam ali, no seu companheiro e no futuro casamento a sua felicidade.

O namoro dos dois era escondido, Ninguém ou quase ninguém sabia do relacionamento dos dois, foram dois anos de namoro até a primeira fuga. No entanto, foram dois anos de namoro complicado, os amantes pouco se viam ou tinham algum tipo de intimidade. O seu pai com toda a sua autoridade, ficava de marcação cerrada em cima das suas filhas. Para Lenir seu pai oferecia diversas coisas, entre elas, viagem para Fortaleza. Tudo isso para afastar os amantes. *“Papai queria me tirar daqui, me levar pra Fortaleza, oferecia tudo.”*

Com o pai severo e controlador, Lenir Ribeiro foi corajosa ao enfrenta-lo. Buscando ao lado do homem que escolheu, uma nova vida. Ao ser indagada como os dois se encontrava, já que seu pai não queria o relacionamento entre os dois, a mesma responde entre risos que se encontrava em lugares escondidos, entre eles a fonte, lugar onde as mulheres lavam roupas.

*Saia pra fonte e jogava um bilhetinho lá no meio do caminho, ele ia pegava, (risos) era assim. Pra gente se entender era difícil, o véi não deixava não, era muito difícil da gente se entender [...] ele tinha uma budeginha lá perto [...] quando ele... tinha uma caminhadinha [...] ele sai [...] a gente tinha... a irmã dele gosta de nós, vivia com ele, ai saia lá em casa, as vezes a gente dava um pulinho lá naquela buodega escondido, ai minha fia, **era luta ou então se passava pra uma fonte pra se encontrar no caminho, mais só pra ver, passar um pelo outro, (risos) tinha direito de conversa não, (risos) onde a gente ia deixava um bilhetinho ele apanhava [...].**²³ (Grifo meu).*

Precisamos levar em consideração algumas questões na fala da nossa personagem, primeiro seria, as táticas usadas pela moça para encontrar o rapaz, aqui citaremos algumas delas, (que se percebe nos seus relatos): mesmo indo a poucas festas, a moça acabava se encontrando com o jovem. As festas comuns nessa região, são as do padroeiro da cidade, ou seja, as festas católicas, os festejos da região. Uma boa moça

²² CARDOSO, Elizangela Barbosa. Identidade de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960). Tese (doutorado) Universidade Federal Fluminense.pag.17.

²³ Entrevista com Lenir Ribeiro em 18/02/2017.

que se preza vai à missa aos domingos, essa afirmação é uma boa desculpa para se encontrar com o rapaz. Dona Lenir relata que não tinha muita oportunidade de dançar com seu amado, pois se seu pai visse os dois juntos, ele logo mandava voltar para casa.

Mesmo debaixo de olhares controladores dos seus pais ou responsáveis, os jovens sempre encontravam um meio onde seus olhares se cruzavam, diante de toda uma vigilância, ocorreria uma fuga para os galanteios dos amantes. “Portanto as festas constituíam-se momentos de táticas e ressignificação”²⁴

Assim, as festas era local de encontros, como também de animação e quebra de rotina na vida dos habitantes das cidade. Mas não só quem residia na zona urbana participava das festividades. Era comum ver pessoas da zona rural hospedando-se em casas de parentes. *E os jovens, longe do olhar acirrado dos protetores e em meio a multidão, encontravam momentos propícios para os cortejos e galanteios durante a festa.*²⁵ (Grifo meu).

O outro ponto encontrada pela jovem Lenir, é de se encontrar na fonte, (que esta transcrito na sua fala acima), local onde todas as mulheres lavavam suas roupas. Enganar o pai era especialidade dessas mulheres.

*“Casei fugida, eu e Chico somos primos legítimo, não sei por que meu pai não queria, eu queria... sai de casa dizendo que ia deixar uma roupa na moldista (ou “moldelista” como são chamadas as costureiras) para fazer, de lá fugi de São Miguel para Castelo”.*²⁶ (Grifo meu).

Algo a ser questionado é, porque o pai da moça não aceitava o relacionamento dois jovens? Já que os mesmos são primos, é da família. Talvez esse seja um motivo. Durante muito tempo era comum casamentos entre parentes. O casamento entre primos, parente, vejo que se dar duas formas, a primeira seria por questão sanguínea, para assim manter o poder nas mãos da família, (esse não era o caso, pois o pai da jovem não queria o envolvimento dos dois). Por seguinte, pela facilidade, isto é, em interiores como esses (Xique Xique, Pau Ferro, São Nicolau) são localidades onde na sua maioria

²⁴ SANTANA, Rosemere Olimpio. *Rapto Consentidos: Afetos proibidos e relações de poder na Paraíba (1880-1910)*. 2008. 145p. dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em História do centro de ciência humana, letras e artes, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2008.pag.29.

²⁵ SANTANA, Rosemere Olimpio. *Rapto Consentidos: Afetos proibidos e relações de poder na Paraíba (1880-1910)*. 2008. 145p. dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em História do centro de ciência humana, letras e artes, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2008. Pag. 26.

²⁶ Entrevista com Lenir Ribeiro em 21/08/2017.

da população, são parentes, alguém sempre tem um parentesco com o outro. (não estou aqui generalizando. Todo caso tem sua exceção, mas isso é uma realidade presente).

João Francisco não pediu a mão de Lenir em casamento, pois sabia que o pai dela não aprovava o relacionamento entre os dois. “*Depois de algum tempo, parece que doeu na consciência, ele (pai) me mandou chamar de volta, e ate hoje tô morando aqui.*”²⁷. Aqui entramos com outra questão, O pai da jovem por algum tempo não quis saber dela, não aceitava a moça dentro de casa, pois a mesma estava desonrada, traiu a confiança do pai. Duas vezes, fugiu com o mesmo homem, na primeira vez, ele foi até busca-la e a manteve presa, porém nada a impediu de realizar o ato. Dona Lenir afirma que mesmo casada, dentro dos padrões, o seu pai, passou mais de dois anos sem dirigir-lhe a palavra, sem perdoá-la, sem ao mesmo visita-la na sua casa. Depois de muito tempo, ela recebeu a benção tão esperado do seu pai.

*Passou foi tempo, foi bem dois anos, intrigado comigo (risos), não ia lá de jeito nenhum. Ai quando passou uns tempo, parece que ele mudou aquela raiva, ai foi ele me mandou me chamar, ai eu fui. Depois foi que ele me abençoo, mais o Chico, ele morreu intrigado com ele, nunca falou.*²⁸ (Grifo meu).

Depois de anos o pai foi abençoar a filha, era importante para ela receber o apoio do pai naquele momento, a filha queria o perdão do seu pai. De acordo com a moral do pai, ela não merecia o perdão, muito menos a benção para seu casamento. Mas a moça queria que ele entendesse o que ela fez, foi por paixão. Só que o pai tinha uma honra a zelar.

Notamos que Lenir Ribeiro se manteve determinada naquilo que acreditava, decidiu o que seria melhor para sua vida, não deixou que o Pai ou a sociedade definisse o seu futuro. Ela afirma que muito familiares e vizinhos davam conselhos para que a mesma deixasse essa ideia de fugir. No entanto, como uma mulher maldita, foge pela segunda vez em busca de escrever sua própria história, onde ela é personagem principal. Rejeitada pelo pai por algum tempo, viveu longe de tudo.

Essa mulher que fugiu por amor e com o seu amor, querendo viver algo fora do que estava sendo imposto pela sociedade patriarcal, Como, casar com o homem que o pai escolher. Mulher, dona dos seus desejos, que lutou para continuar casada com o homem que escolheu. Mesmo o pai o rejeitando. Fugiu para estar dentro dos padrões, é

²⁷ Entrevista com Lenir Ribeiro em 21/08/2017.

²⁸ Entrevista com Lenir Ribeiro em 21/08/2017.

pouco contraditório, padrões aqui que seria, casar, ter filhos e ser dona-de-casa. Uma vez que o discurso jurídico (e da elite) era que as mulheres fossem uma boa esposa e dona de casa, exercer um bom comportamento moral perante a sociedade.

Porém as mulheres que fugiam não estavam preocupadas com os discursos normatizadores imposto pela sociedade elitista. Fugia por que estava apaixonada pelo seu raptador, queria formar sua própria família ou simplesmente viver livre com um amor proibido, por isso as mulheres não tiveram “medo de se desterritorializar, de abandonar a sua casa e a sua família”.²⁹

As mulheres já não aparecem como vítima passiva, mas como alguém que cria suas próprias táticas. Desconsiderando qualquer ideia de sexo frágil, agora dona do seu corpo e de suas vontades.

2.2 “Só casaria se um homem me carregasse”

No caso da Eudinéia Rodrigues Pereira e do Antônio de Sousa Rodrigues, casados fugidos. Ela organizou toda a fuga, estando em pleno festejo do padroeiro da cidade de São Miguel do Tapuí, no Piauí, a mesma relata que deixou as documentações preparada na Igreja, que iria se casar naquele dia, comunicou aos seus padrinhos e avisou ao padre do seu casamento. Saiu de casa à meia noite com seu amado para a cidade e lá casaram.

Eudinéia Pereira como as outras mulheres nordestinas trabalhava na lavoura, plantando e colhendo junto com o pai, ao chegar da roça, em casa tomava conta dos afazeres domésticos, ia pro pilão pilar arroz. Sendo a segunda filha de cinco irmãos. Conforme seu depoimento, ela e suas irmãs deviam total respeito à figura paterna, a posição da mulher é de obediência ao pai ou ao marido, posta nos serviços domésticos, na roça também no casamento.

Notamos essa imposição de submissão da mulher ao homem, em cordéis. A fim de ilustrar essas características, observaremos os versos do poeta Cearense José Bernardo da Silva, o poema é de 1952, intitulado “*O valor da Mulher*”. No início dos versos, o poeta exalta a figura da mulher, sempre bela e decente, comparando com seres celestes.

²⁹ SANTANA, Rosemere Olimpio. Rupto Consentidos: Afetos proibidos e relações de poder na Paraíba (1880-1910). 2008. 145p. dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em História do centro de ciência humana, letras e artes, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2008.

*A mulher é um anjo sem segundo
 é a luz que melhor beleza encerra
 sem mulher todo homem nesta terra
 detestava os prazeres desde mundo
 pois a terra seria um vácuo fundo
 se faltasse a mulher que nele habita
 sem mulher toda terra era exquesita
 sem mulher não havia riso e festa
 sem mulher neste mundo nada presta
 se mulher é a prenda mais bonita.*

[...]

*É de acordo que o homem trate bem
 da mulher que viver-lhe em companhia
 para dar a beleza e a primasia
 que a mulher bem decente sempre tem
 se a mulher, é o ente que comum
 que o perfume das rosas vive nela,
 deverá ser tratada com cautela
 para assim não perder sua beleza
**pois que a mão da divina natureza
 quando fez a mulher foi para ser bela.**³⁰ (Grifo meu).*

No fragmento grifado o poeta nos mostra que a mulher foi criada para ser bela e por consequência se manter sempre bela e decente. Porém bonita para quem? Para seu esposo? Para a sociedade? As senhoras e moças deveriam se preocupar com a beleza, para assim manter o casamento, conserva-se com a aparência jovial, contudo, não tão bela para não chamar a atenção de outros homens³¹. Ou seja, nem tanto para direita, nem pra esquerda, na medida certa. É como se as mulheres precisasse sempre ser moldada, encaixada em um padrão, que muitas delas desconheciam.

A autora Maria Francinete de Oliveira³² analisa alguns cordéis, a mesma aborda no seu trabalho, três posições onde as mulheres estão inseridas no que diz respeito a

³⁰Cordel, Valor da mulher. José Bernardo da Silva, 1952. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel>>. Acesso em: 27 de Jul de 2016.pag.03.

³¹ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Entre o tradicional e o moderno: os femininos na revista vida doméstica*. V.9, n.2. p.103-134. Niterói, 2009.pag.114.

³² OLIVEIRA, Maria Francinete de. *A representação da mulher na literatura de cordel*. (Dissertação de mestrado) Porto Alegre, PUCRS, 1981. Pag. 96.

literatura de cordel. A primeira seria a mulher bendita, a segunda a mulher propriedade e a última a mulher maldita. A mulher bendita trata-se das virgens, é comparada a imagem de Nossa Senhora, sendo assim, frágeis, moças e dignas de respeito. Já a mulher propriedade é aquela filha de sertanejo, donzela, submissa ao marido, que ora é raptada por algum rapaz. Enquanto a mulher maldita é aquela que não obedece as leis e geralmente são rotuladas como prostituta, traidoras e devassas.

Devemos levar em consideração que a maioria dos autores dos cordéis são homens, isso significa uma escrita machista e muitas vezes preconceituosa em relação as mulheres e a outros gêneros. Existiam poucas mulheres que escreviam, as que estavam escrevendo cordéis tinham que se esconder, por conta da sociedade machista e alguns casos os pais não apoiava a filha. Podemos citar o exemplo da Maria das Neves Batista Pimentel, filha de um poeta, ela não ousou assinar nas suas obras com o seu nome verdadeiro, e sim com um nome masculino, assina seus cordéis com Altino Alagoano.³³

Por isso percebemos na literatura de cordel essa mulher que é dependente do homem. Analisando os versos abaixo, vemos que o poeta nos trás a mulher como Eva e o homem como Adão, as figuras bíblicas, ela sempre necessitará do homem e estará ligada com a ele, isto é, o homem como a primeira criação, o “dono de todas as coisas”.

*... Já porque Deus lhe deu a premisão
Para ser o senhor absoluto
De qualquer animal doméstico ou bruto
Como bem dum carneiro ou dum leão.*³⁴

E a mulher, precisa agradar o homem, deixando ele feliz, defensor da sua honra, é como se a moça precisasse de um herói ou de um príncipe encantado para sempre salva-la das desonradas do mundo. O poeta nesse cordel compara a mulher a Maria, mãe de Jesus Cristo, pois, ela foi pura e santa, os cordéis normatizavam as mulheres, para que elas seguissem e tomassem a figura de Nossa Senhora como exemplo, visto que, sua maior virtude foi sempre ser obediente.

³³ Feminismo versus Machismo – Autoras Mulheres na literatura de cordel. Disponível em: <<http://encipecom.metodista.br>>. Acesso em: 27 de Jul de 2016.pag.06.

³⁴Cordel, Valor da mulher. José Bernardo da Silva, 1952. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel>>. Acesso em 27 de Jul de 2016.pag.11.

*Procurou nosso Pai onipotente
de mostrar quanto 1 homem tem valia
quando fez **São José esposo e guia**
de Maria Santíssima e mãe clemente
e **Maria foi sempre obediente,**
a pessoa do homem são José
nesse exemplo se vê que o homem é
da mulher um arrimo tutelar
já portanto a mulher deve estima
ao homem com gosto riso e fé.³⁵ (Grifo meu).*

Percebemos que a justificativa esta sempre em Deus, na fé, no âmbito religioso, no por que Deus criou Adão primeiro, por que Eva veio da costela, por que Maria foi mãe, e obediente. São essas questões usadas para acomodar a posição da mulher de submissa. O poeta aborda, que a mulher sempre precisou de homem ao seu lado, como um protetor. Por consequência ela só será respeitada se tiver acompanhada por uma figura masculina, em razão de que ele é o herdeiro da coragem, que protege as moças indefesas.

*Lembro a toda mulher que quizer
possuir ao seu lado um bom marido
não procure traze-lo constrangido
isto é rebaixando o seu mister
pois o homem será contra a mulher
que costuma falar muito exaltada
visto o homem ter força sublimada
p'ra fazer-se honrar o seu respeito
já se ver que ferido em seu conceito
toma as formas de fera indignada
[...]
Reina sempre um respeito verdadeiro
numa casa onde o homem faz morada
e a mulher só será bem respeitada
se tiver a seu lado um companheiro
sendo homem senhor do mundo inteiro*

³⁵Cordel, Valor da mulher. José Bernardo da Silva, 1952. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel>>. Acesso em: 27 de Jul de 2016.pag.14.

*não é crime a mulher obedecer-lo
outro mais que a mulher convem ter zelo
por seu pai, seu irmão, e marido
por seu tio, seu sogro, ou seu querido
para assim não cair em desmantelo.*³⁶ (Grifo meu).

Ao ler a última estrofe do cordel “*valor da mulher*” percebemos a normatização feminina. Analisamos alguns pontos: primeiro, o lar só será respeitado se naquele local morasse um homem, ou seja, uma casa onde tem apenas uma mulher, ou até mesmo uma solteirona ou viúva, esse lar não era respeitado, já que é reproduzido que as mulheres só são completas se estiver ao lado de um homem.

O segundo ponto seria a obediência, citando uma frase do mesmo cordel, “*não é crime a mulher obedecer-lo*”, continuando a leitura, notamos que são citados outras figura masculina que merecem ter “zelo” e obediência, para assim não entrar no “*desmantelo*” ou seja, não ser mal falada na rua, continuar sendo uma mulher honesta e casta.

Segundo Geovanni Gomes Cabral³⁷, os folhetos constituem uma dimensão imagética entre o real e a fantasia, ou seja, são acontecimentos reais, de uma sociedade que o poeta está inserido, porém ele embeleza, coloca rimas, dar um tom de sensibilidade na sua obra literária. Os cordelistas abordam diversos assuntos, política, economia, saúde, mulher, eles escrevem o que vivem. Os casos de fuga, o corpo das mulheres também era cantado nos folhetos de cordel.

De acordo com o costume, era comum o homem pedir ao pai da moça a mesma em casamento, mas, para Eudinéia, tal costume não importava, queria casar, porém, só casaria se fosse roubada. Assim fala: “*porque a gente pedi é cachorro*”. No sentido de que ela não é uma coisa, uma propriedade, que alguém dar em troca de alguma outra coisa.

Observamos nessa mulher um empoderamento, (entendemos que essa é uma palavra nova, do nosso século, não quero causar um anacronismo em usar em palavra, apesar dela contemplar esse caso) o significado de ter domínio sobre seu corpo pode ser empregado a ela. No momento que ela decide com quem casar, e que não deixaria seu

³⁶Cordel, Valor da mulher. José Bernardo da Silva, 1952. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel>>. Acesso em: 27 de Jul de 2016.pag.12

³⁷ CABRAL, Geovanni Gomes. *Folhetos de Cordel, História e escrita: possibilidades de leituras.*

namorando pedi ao pai dela em casamento, ela rompe com um costume natural daquele período. A jovem não conhecia o significado social e cultural do que estava fazendo, mais sabia que não uma propriedade ou objeto de troca.

Nota que Eudinéia é uma mulher forte, dona de suas escolhas, que não deixa ninguém tomar decisões por ela. A ser questionada porque fugiu para casar, a mesma responde: *“Eu disse que ninguém ia me pedir, só ia casar no dia que um homem me carregasse, por que a gente pedi é cachorro.”*

Nesse caso de fuga somente a sua irmã mais velha – Francisca – sabia que a mesma ia fugir de casa, na maioria dos casos havia uma cúmplice, ou seja, uma amiga, irmã e até a própria mãe. Eudinéia Pereira, não quis nem saber em passar pelos ditos paramentos normais de casamento, aonde o futuro marido vai a casa dos pais da moça pedi-la em casamento. Chegando a afirmar que só casaria se fosse roubada, *“a ideia foi minha (risos) porque eu não sou cachorra a gente pedi é cachorro, minha fia (risos)”*. Ao afirmar que não é cachorra e quem pedi é cachorro, nos leva a interpretar que o cachorro é aquele animal que precisa ser sempre mandando, levando, comandado, o animal dependente de um dono.

Eudinéia Rodrigues passou anos namorando com esse rapaz, sendo ele seu primeiro namorado. Ao ser questionada o porquê da fuga, já que seus pais suspeitava do seu envolvimento com o jovem. A mesma afirma não querer dar despesas com os preparativos do casamento para seus pais. Assim não deixou o Jovem Antonio de Sousa Rodrigues, pedir aos seus pais, a moça em casamento, garanti que só casaria um dia se fosse fugida. Como no caso anterior (de Lenir Ribeiro e João Francisco) Eudinéia Rodrigues trocava cartas de amor com Antônio de Sousa, marcando os encontros escondidos dos seus pais e até mesmo das irmãs.

Morava perto né! [...] ai a gente se conhecemos [...] bilhetinho ai a gente lia o bilhetinho e jogava dentro do buraco que era pra mamãe não ver (pausa) a neném a mais danada era a neném a neném dizia que dizia que descobria fez a mãe da uma pisa em nós [...] quem sabia ler era a Ideth lia o bilhetinho e “tucu” dentro d’água, dentro buraco d’água [...] a véia quando sabia de um namoro a véia ia em cima [...] o véi tinha que casar as fias eram muitas, pobre [...].³⁸ (Grifo meu).

Em vários casos de rapto, alguns que não deram certos, pelo fato da brutalidade do pai da moça, visto que, a autoridade do pai estava sendo contrariada, com isso o pai,

³⁸ Entrevista com Eudinéia Rodrigues em 18/02/2017.

o provedor e homem da casa, deveria por ordem na família, sendo vergonhoso uma filha ainda virgem fugir com o rapaz que mal conhecia. O dever do pai era pôr a filha na rédea.

Na fala da dona Eudinéia Rodrigues, verificar que apesar de o casal trocar cartas românticas, ela não sabia ler (hoje ela sabe ler e escreve com certa dificuldade), quem lia as cartas era sua irmã, depois a destruía, jogando no rio. Não deixando vestígio, para sua mãe não ver, nem desconfiar do envolvimento dos dois.

As mulheres pobres não tinham direito a educação de qualidade. As moças que começavam a estudar, tinha que se dividir entre: os afazeres de casa, a roça e os estudos muitas não acompanhava a rotina e desistia. Era uma educação precária, pois algumas, não completavam a educação básica. Aprendiam poucas letras, tendo o básico para assinar o nome.

O que faz dessas mulheres diferentes? Talvez nem tão ousada, mas elas rompiam com uma sociedade patriarcal, onde estavam preocupados em construir uma sociedade ideal para as mulheres. O espaço que era reservado para elas, seria o espaço privado. Deveria ser belas, recatas e do lar. A instituição familiar, religiosa, jurídica contribuía para propagar essa ideal. Os meios de comunicação também era o principal meio de manipular as relações de gênero.

O que, então, aproxima as histórias de todas essas mulheres envolvidas nesses casos de rapto? Mesmo que não fossem tão ousadas em suas atitudes, elas ampliavam cotidianamente os limites das normas mais convencionais das relações de gênero, recriando as identidades femininas, uma vez que outras instituições, além da família e da Justiça, também estavam preocupadas em criar um espaço para as mulheres, dentro da moral instituída.³⁹

2.3 “Quase me pega, mas não deu pra me pegar não”

Quando, como é que é, quando foi mar o meno doze hora da noite (pausa) mar o meno eu deixei a janela só incostada (risos) Muié deixei a janela incostada ai os menino tão todos, menino tão pegando paca na beira do rio, esperando paca, era o Zé [...] não sei se João tava [...] É parece que era o Zé mais com o Chico, o Severino era pequeno, era o Zé mais o Chico, ai me deitei [...] foi de dez pra, foi de doze pra uma hora da madrugada batendo na janela, bateu na janela ainda tinha uma ruma de mi (milho) (risos) dento do quarto, dento do

³⁹ SANTANA, Rosemere Olimpio. *Rapto Consentidos: Afetos proibidos e relações de poder na Paraíba (1880-1910)*. 2008. 145p. dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em História do centro de ciência humana, letras e artes, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2008. pag. 99.

*quarto tinha uma ruma de mi (milho), num sabe, tinha uma ruma de mi (milho), ai quando bateu eu sabia que era, ai eu coisei, ai vai coisar, o menino não tinha nenhum porque se os menino tivesse aqui tinha dado notícia [...] quando eu tivesse pisado no mi (milho) [...] eles tinha acordado [...] se eles tivesse dormindo, ai eles tinha me pegado (risos).*⁴⁰ (Grifo meu).

A citação a cima é o relato da Senhora Valmira Ribeiro de Sousa, conhecida na região como Lili. Reside no Xique Xique, filha de agricultores, prima da Lenir Ribeiro de Sousa. Como as demais mulheres, ela trabalhava também na roça e em casa. Fugiu aos 17 anos com o seu namorado, sendo ele mais novo do que ela, chamado Nestor Lima.

Na fala da dona Lili Ribeiro percebe-se a sua preocupação em ser descoberta pelos seus irmãos que estavam da vinda da beira do rio. A maioria dos casos de fuga acontecia na madrugada, por ser o momento onde o pai e a mãe estão dormindo estava tudo mais calma na redondeza.

Era comum “os dois fugirem à noite, a cavalo, ela amarrada com um lenço, com a certeza do futuro casamento”.⁴¹ O casal ficava na casa de algum parente ou amigo e só saía de lá casada, pois “a honra da moça e da família estariam prejudicadas, caso não fosse realizado o casamento”.⁴²

Ir para casa de algum parente ou amigo do rapaz eram comum, durante a fuga. Podemos nos perguntar por que esse tipo de situação acontecia. Devemos levar em conta alguns pontos, como por exemplo, era importante manter a honra da moça, mantendo intacta sua virgindade. A jovem só sairia dali se fosse casada, ou seja, direto para a igreja ou cartório, onde os dois se casariam, depois da cerimônia, algumas se estabeleciam na casa própria (doada por algum parente, ou comprada pelo moço raptador), outras iam morar com o sogro (casa do pai do jovem).

Lili Ribeiro saiu de casa no povoado Xique Xique para o interior chamando Boqueirão no município de Aroazes. (Imagem 3) Á ser perguntada o motivo da fuga, ela respondeu: *só pra casar, não tinha outro motivo*. Com apenas dois meses de namoro, planejou toda a fuga sozinha e não deixou o rapaz Nestor Lima pedi ao seu pai a jovem em casamento.

Algo de peculiar nesses quatro casos é, que nenhuma mulher deixou seus

⁴⁰ Entrevista com Valmira Ribeiro (Lili) em 21/08/2017.

⁴¹ FALCI, Miridan Knox. Mulheres o sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.pag.267.

⁴² IDEM. Pag.267.

namorados pedir ao pai ela em casamento, por quê? Medo da reação dos pais? Talvez, mas, não tiveram medo de fugir, pois, com essa atitude, a reação dos pais seria mais preocupante. Ou talvez, elas pensassem que, não precisava da autorização dos seus pais para ser felizes e casarem.

Depois de casarem poucos dias depois, os dois voltaram para a casa do pai da Lili Ribeiro, o mesmo aceitou a filha e o marido em sua casa. O que levou o pai de D. Lili aceitar a jovem em casa, mesmo depois do desgosto causado por ela? Podemos acreditar que seu pai aceitou sua filha de volta, pois ela estava casada, não fugiu para ter uma vida leviana, mas sim, para casar, sendo que a honra da família não foi destruída.



IMAGEM 3. Mapa da localização do município de São Nicolau a Interior Boqueirão. Disponível em: <www.google.com.br/maps>. Acesso em: 26 Feb 2017.

Na imagem 3, temos a distância entre o município de São Nicolau, onde fica o povoado de Xique Xique, e o interior Boqueirão que fica localizado na cidade de Aroazes. É evidente que Lili Ribeiro e Nestor Lima, não fizeram o percurso demarcado.

A população dessa região (São Nicolau) faziam atalhos, cortava caminho para chegar mais rápido ao seu destino. Alguns dessas pessoas faziam o trajeto a pé, não tinham transporte, então, levava horas para chegar à outra cidade. Como por exemplo a

cidade de Pimenteiras. A população encaminhava-se para lá em busca de médicos, fazer compras, muitas das vezes a pé. Segue a baixo o mapa, que mostra a distância atual de São Nicolau a Pimenteiras.

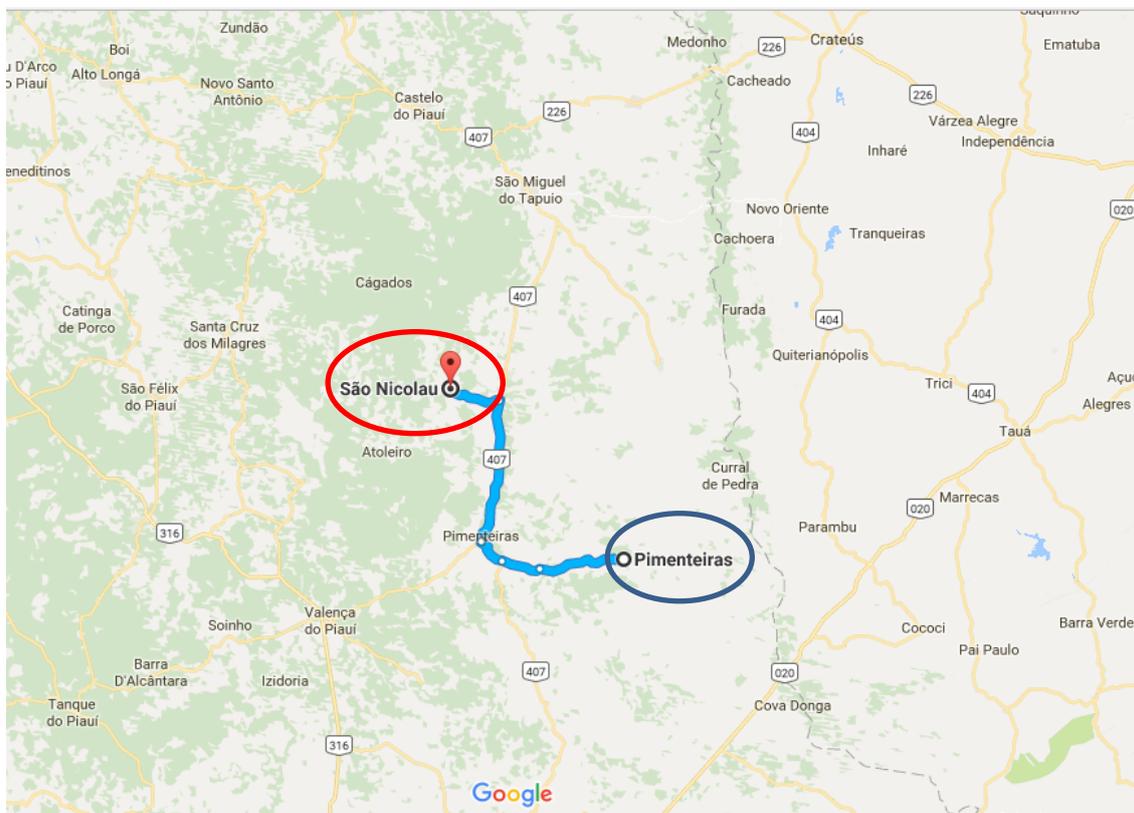


IMAGEM 4. Mapa da localização do município de São Nicolau a cidade de Pimenteiras. Disponível em: <www.google.com.br/maps>. Acesso em: 26 Fev 2017.

No cordel “Moça Roubada” de J. Borges, o literato faz uma comparação entre o que é moderno e o tradicional. No começo desse cordel, ele escreve o seguinte:

*Com toda a modernidade,
os modos lá no sertão
são totalmente diversos
dos que a cidade estão:
aqui se tem muita folga,
no interior não há, não.
[...]
Mulher, aqui, na cidade,
ninguém rouba, nem de graça,
por conta da mordenice,
que não é por liberdade.*

*no sertão, o caso vira
é bafafá, de verdade.⁴³*

A narrativa que o autor trabalha nesse cordel é característica própria do J. Borges, essa abordagem de comparar o tempo, trabalhando na sua maioria das vezes mulheres, as identidades de gênero é recorrente em seus folhetos.

No cordel acima, o literato deixa claro que roubar mulher na cidade “não vale a pena”, pois, por conta da modernidade, mudou os costumes, a mulher no sertão é donzela, virgem, espera o homem certo. Já na cidade, é diferente, as mulheres não se guarda mais para o marido. J. Borges narra isso em uma de sextilha do seu cordel.

*O povo, em toda cidade,
faz criancinha a locé,
copula sem proteger-se,
faz amor sem tomar pé,
num abrir – fechar de olho,
no jantar ou no café.
Pois, no sertão, diferente,
um moço, de lá, pondera;
namora até quinze anos
e dorme em seu pé de espera,
quando não leva a donzela,
por mais que seja sincera.⁴⁴*
...

2.4 “Em fevereiro eu sai fugida”

No caso da D. Iraeth Rodrigues Pereira hoje aos 43 anos e Antônio Francisco Sousa Silva 53 anos, conhecido na região como Duda, vivem atualmente em Valença do Piauí, a cidade em que conheceu o seu esposo. Os dois namoraram menos de dois meses e no dia 15 de fevereiro de 1992 casaram no município de São Miguel do Tapuio.

⁴³ Cordel, Moça Roubada. J. Borges. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br>>. Acesso em: 27 Jul 2016.

⁴⁴ Cordel, Moça Roubada. J. Borges. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br>>. Acesso em: 27 Jul 2016.

Ai eu vim aqui em Valença, conheci o Duda [...] vim com a Quiné pra ela se consultar [...] ai eu conheci o Duda, daí nós, foi no mês de quê? De Janeiro, de Fevereiro eu sai fugida (risos) sai fugida no dia 16 de Fevereiro [...] ai eu vim pra cá fugida, passei uma semana (pausa) ai assim que eu sai, no outro dia a mãe foi botar o nome pra nós pra casar em São Miguel do Tapuio. Ai nós casemo viemo aqui pra Valença [...] Ficamos na casa da mãe dele.⁴⁵

Iraeth Rodrigues não era diferente das outras mulheres do sertão, trabalhava na roça, cuidava de casa, filha de trabalhador rural, ela é a mais nova das mulheres, são seis irmãos, o mais novo é o filho homem, o único da família. Mulher cheia de vontade de si, almejando um casamento por consequência a formação de sua própria família. O bom casamento era a principal perspectiva que a sociedade mostrava para a vida feminina.⁴⁶

O desejo de sair de casa de construir uma nova vida longe daquele lugar foi intensa, ao ponto de pouco tempo de namoro, os dois amantes decidiram fugir. A Iraeth Rodrigues afirma que não tinha comunicação entre os dois, pois ele (Duda) morava em Valença do Piauí e ela (Iraeth) no Pau Ferro.

A distância entre os dois não impediu a fuga e o sentimento entre os dois existisse. Com essa paixão avassaladora, de apenas dois meses de namoro, e não eram exatamente um relacionamento tão sério, pois os dois morava em cidades diferentes e longe uma da outra.

Nessa prática do rapto ou fuga sempre tem um cúmplice que ajuda no romance e na fuga. Neste caso o rapaz chamado Abimar contribuía para que o casal se encontrasse.

*“Ai ele ia com o Abimar toda sexta, todo sábado ai era assim”.*⁴⁷

Abimar tinham um carro onde levava o Duda nos finais de semana para o interior, lá os dois amantes se encontravam. E possivelmente a distância contribuiu para o imaginário de uma possível fuga e foi o que aconteceu. Duda seu namorado pediu ao pai da moça ela em casamento o pai concordou com a união dos dois.

*Ai quando ele chegou lá a noite, ai ele pedi pro papai pra casar e o papai aceitou. Ai eu não esperei vi logo embora [...] peguei minha roupinha aberei pra Valença. Depois minha fia é que nós fomo casar.*⁴⁸

⁴⁵ Entrevista com Iraeth em 04 Jul 2016.

⁴⁶ Entrevista com Iraeth em 04 Jul 2016.

⁴⁷ Entrevista com Iraeth em 04 Jul 2016.

Mesmo já comprometida, já noiva fugi, não sabemos o porquê, pois a mesma afirma que fugiu para casar, só que segundo seus relatos, no dia seguinte quando sua Mãe (Júlia Maria da Conceição) sentiu falta da filha em casa, foi logo atrás dela (Iraeth), foi na casa da outra filha saber se elas estava lá, quando descobriu que a Iraeth tinha fugido foi direto para a Igreja de São Miguel do Tapuio colocar o nome para que sua filha fosse casar. Pois seria um desonra para a família ter uma filha que fugiu e não casasse.

Portanto, segundo Dona Iraeth foi o próprio Duda, considerado por muito um homem charmoso, incentivou Iraeth a fugir *“foi o Duda que me ativou, ai eu entrei no carro do Abimael e sumi pra Valença”*⁴⁹. Até nos dias de hoje casados com dois filhos.

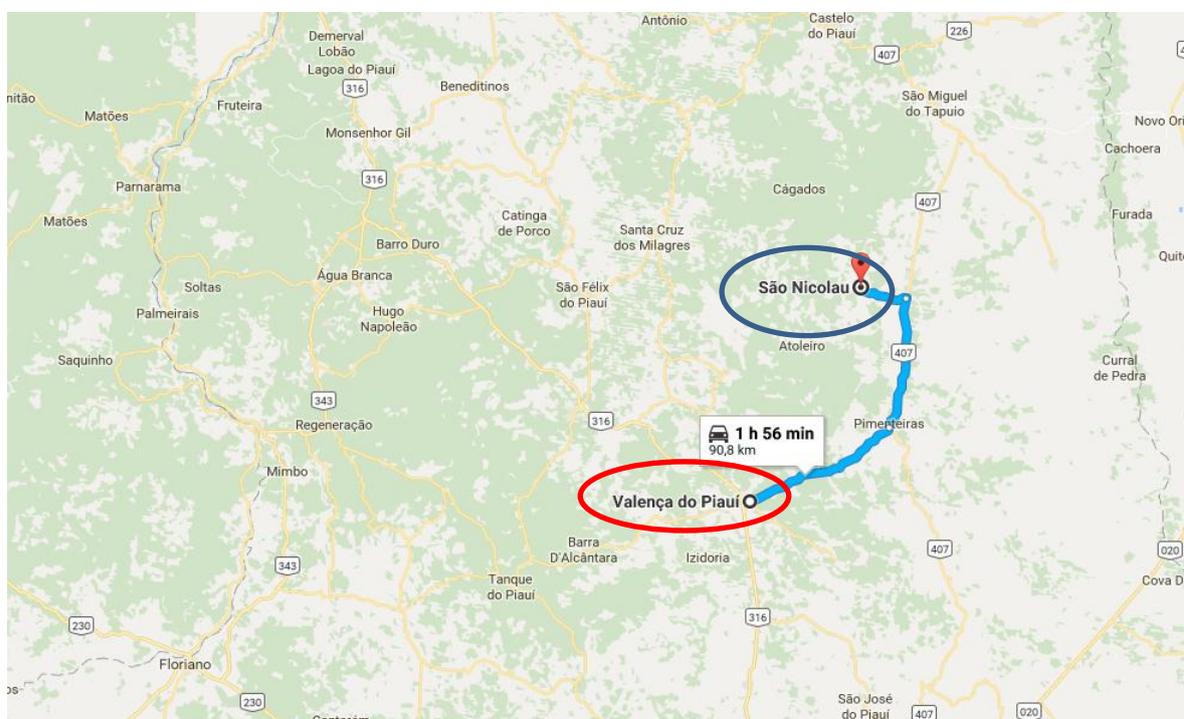


IMAGEM 5. Mapa da localização do município de São Nicolau a cidade de Valença do Piauí. Disponível em: < www.google.com.br/maps>. Acesso em: 26 Fev 2017.

Percebemos aqui que Iraeth foi entre as quatro mulheres aqui analisada foi a única que foi pedida ao pai em casamento, porém mesmo assim fugiu de casa, antes mesmo de qualquer festa de casamento que os pais pudesse organizar. É evidente que no decorrer do século XX, aqui analisado e posteriormente até os dias atuais essa prática cultura ainda acontece, não é com tanta frequência, porém como aborda o cordel “Moça Roubada” de J. Borges, com toda a modernidade hoje em dia não faz mais sentido

⁴⁹ Entrevista com Iraeth em 04 Jul 2016.

roubar uma moça.

O que há de comum entre as mulheres que tralharei, é que todas ainda hoje estão casadas com o mesmo homem que fugiu há alguns anos. Isso nos ajuda a compreender que as mulheres que fugiam pra casar, também estavam à procura de viver e construir sua própria história e de formar realmente uma família, sendo elas protagonistas da sua própria vida, mesmo que para isso fosse necessário largar sua família com a finalidade de estruturar seu próprio núcleo familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar com e sobre essas mulheres foi gratificante, pois elas têm muitas histórias para serem contadas que merecem ser escritas. Aqui está presente uma pequena parte da vida da Dona Lenir Ribeiro, Eudineia Rodrigues, Lili Ribeiro e Iraeth Rodrigues que abriram o baú das suas lembranças, me dando a oportunidade de conhecer um pouco da sua intimidade, mesmo que muitas vezes com um certo receio de contar para uma quase estranha sua vida íntima, esta parte da sua história que deu o que falar nas veredas do município São Nicolau.

Podemos inferir que sua condição de mulher pobre não deixou interferir nos seus sonhos e desejos de casar com o homem que amava. Vamos mais além, elas deram voz a sua história, enfrentando a autoridade do Pai, mesmo na incerteza de um futuro. O ato de fugir, era mais do que um ato de desobediência, consistia em romper com uma barreira de machismo de preconceito, elas também estavam lutando pelo o que acreditava. Acreditava que o amor existia e estava ao lado daquele homem que ela escolher para chamar de marido.

Então respondendo aquela pergunta do título do primeiro capítulo, digo, quem faz o seu lugar é ela mesma, não importa se ela escolher o lar ou o cabaré, elas são donas de si, do seu corpo e de suas vontades.

O que podemos levar disso é que essas mulheres citadas fugiram para casar, ao serem questionadas elas eram bem objetivas nas suas respostas, talvez possam existir outras justificativas que essas mulheres em especial, não queriam mencionar. No entanto são histórias significativas, que nos ajudam a compreender um pouco a nossa cultura, pois não podemos esquecer que a prática da fuga ou rapto é cultural na nossa sociedade. Muitas mulheres utilizavam desse meio para casar, e fugir do meio que estava inserida. Atentemos para o ato, essas mulheres viam no namorado ou noivo, uma saída, para começar algo novo.

No entanto era preciso enfrentar toda uma sociedade, como por exemplo, a Dona Lenir citada nesse trabalho, é conhecida na região, não pelo status ou pela família que possui, mas, ela é conhecida como a mulher que fugiu com um rapaz. Aquela moça que confrontou o pai, não só uma vez, mais duas. A mulher que mesmo sabendo o quando o seu pai era carrasco e bruto, fugiu com aquele que acreditava que amava, para construir um novo capítulo da sua história.

São mulheres que nasceram em épocas e momentos distintos, o que nos leva a

analisar cada caso com um olhar único, observando sua particularidade. Para isso, a História Oral teve papel fundamental para a construção dessa monografia. Está perto delas, cara a cara, sentindo suas emoções sendo revividas naquele instante foi intenso para mim. Perceber no seu olhar a importância daquele ato, como elas se sentem responsável por tudo, é um pouco complicado colocar em palavras os sentimentos que vivemos ali, tanto a pesquisadora – eu – quando aquelas mulheres.

Ao ouvir suas risadas a cada ato de lembrar, ou o seu desconforto em contar alguma coisa que talvez fosse inapropriado ou íntimo de mais para ser relato, foi enriquecedor para narrar essa parte da história de cada uma aqui nesse trabalho de conclusão de curso.

Além da História Oral, usei alguns cordéis para assim situar a discursão sobre as mulheres. Já que estamos falando de Nordeste, Sertão, nada mais apropriado para essa discursão do que a literatura de Cordel, que é a representação em forma de ficção literária sobre um determinado tempo que o poeta viveu, (às vezes eles escrevem sobre o futuro também, sobre coisas quem podem acontecer) usando o seu olhar para construir uma parte da história Nordestina. Por isso o cordel deve ser valorizado, respeitado e usado como fonte.

O cordel por muito tempo foi usado como jornal do sertanejo, naqueles folhetos eles denunciavam, escreviam sobre o amor, ódio, sobre o passado, presente e o futuro, ou seja, nas páginas de um cordel existia mais que uma história de ficção, existe uma parte do Sertanejo, do brasileiro e de todo um mundo. Assim essa fonte nos ajuda a entender a cultura nordestina.

Por fim, são mulheres donas de sua história, escolheram o casamento como meio para serem felizes, viam no matrimônio a liberdade das amarras patriarcais. Entendiam o casamento como destino.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUER JUNIOR, Durval Muniz de. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no nordeste do começo do século. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 34, p. 89-103, 2001. Editora da UFPR.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *Rapto de Mulheres: Estratégia na formação de núcleos familiares, capitania no Piauí século XVIII*. *Clio – Revista de Pesquisa Histórica*. n. 29.2, pag. 1-15, 2011.

CABRAL, Geovanni Gomes. *Folhetos de Cordel, História e escrita: possibilidades de leituras*. [S.I]. [S.d].

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Entre o tradicional e o moderno: os femininos na revista vida doméstica*. V.9, n.2. p.103-134. Niterói, 2009.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense. 2010.

FALCI, Miridan Knox. *Mulheres o sertão nordestino*. In: PRIORE, Mary del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

História da vida privada no Brasil/ coordenador-geral de coleção Fernando. A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. – São Paulo: Companhia das Letras, 198. – vol.3. p.368-421.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. *Evas ou Marias? As mulheres na literatura de Cordel: Preconceitos e estereótipos*. *Revista esboços*, n. 17. UFSC.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)*, tese (Doutorado) Universidade de Brasília. Brasília – DF. 2007.

OLIVEIRA, Maria Francinete de. *A representação da mulher na literatura de cordel*. (Dissertação de mestrado) Porto Alegre, PUCRS, 1981.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. PINSKY, Carla Bassanezi (org). – 2.ed, 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

ROCHA, Olivia Candeia Lima. *Feminismo e escrita de mulheres no Piauí (1875-1925)*. In: XXVII Simpósio Nacional de História, conhecimento histórico e diálogo social. Natal-RN, 2013.

SANTANA, Rosemere Olimpio. *Rapto Consentidos: Afetos proibidos e relações de poder na Paraíba (1880-1910)*. 2008. 145p. dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em História do centro de ciência humana, letras e artes, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2008.

SILVA, Maria do Rosário da. *Identidade de Gênero, Táticas, práticas e astúcias nos cordéis de J. Borges. O corpo feminino em debate/* organização Maria Izilda Santos de Matos, Rachel Soihet. – São Paulo: Editora UNESP. 2010.

SILVEIRA, Mona Ayala Saraiva da. O cotidiano das relações conjugais no Piauí oitocentista por meio dos processos judiciais. In: II Simpósio de História do Maranhão Oitocentista, 2011, São Luís. *ANAIS II Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*, 2011.

FONTE ORAIS

PEREIRA, Iraeth Rodrigues. Depoimento cedido à Antonia Lohayne Rodrigues Ferreira. Valença do Piauí, 04 de jul de 2016.

PEREIRA, Eudinéia Rodrigues. Depoimento cedido à Antonia Lohayne Rodrigues Ferreira. Pau Ferro. 04 de jul de 2016 e 18/02/2017.

SOUSA, Lenir Ribeiro. Depoimento cedido à Antonia Lohayne Rodrigues Ferreira. Xique Xique. 04 de Jul de 2016 e 18/02/2017.

SOUSA, Valmira Ribeiro. Depoimento cedido à Antonia Lohayne Rodrigues Ferreira. Xique Xique. 04 de julho de 2016.

SITE

Feminismo versus Machismo – Autoras Mulheres na literatura de cordel. Disponível em: <<http://encipecom.metodista.br>>. Acesso em: 27 de Jul de 2016.

FRANQUI, Renata; PERIOTTO, Marcília Rosa. O modelo feminino na revista fon-fon! (1907-1958): A pedagogia da maternidade no Estado Novo, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br>>. Acesso em: 03 Fev 2016.

BRASIL. Decreto N° 2.848 de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 01 Out 2016.

CORDEL

Cordel, Moça Roubada. J. Borges. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br>>. Acesso em: 27 de Jul 2016.

Cordel, Entre o amor e a espada. José Bernardo da Silva, 1960. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br>>. Acesso em: 27 de Jul 2016.

Cordel, A mulher roubada. José Martins de Athayde, 1939. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br>>. Acesso em: 27 de Jul 2016.

Cordel, Valor da mulher. José Bernardo da Silva, 1952. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br>>. Acesso em: 27 de Jul 2016.

Cordel, Descrições das mulheres conforme seus sinais. José Pachêco, 1954. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br>>. Acesso em: 27 de Jul 2016.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA "JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu, Antonia Lohayne Rodrigues Ferreira, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **CASAMENTO POR FUGA: Estratégias de fuga das mulheres no povoado de São Nicolau do Piauí, 1972-1992** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 13 de março de 2018.

Antonia Lohayne Rodrigues Ferreira

Assinatura

Antonia Lohayne Rodrigues Ferreira

Assinatura